

ESTUDOS SOBRE A COGNIÇÃO E A TRADUÇÃO DE LÍNGUAS DE SINAIS:

CRIAÇÃO SOCIAL E AMPLIAÇÃO TERMINOLÓGICA

STUDIES ON COGNITION AND SIGN LANGUAGE TRANSLATION:

SOCIAL CREATION AND TERMINOLOGICAL EXPANSION

Neiva de Aquino Albres¹

RESUMO

Com base nas traduções realizadas no âmbito do Núcleo Pesquisas em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais e Línguas vocais - InterTrads, constrói-se esta pesquisa. Fundamenta-se na linguística cognitiva e os estudos das línguas de sinais, principalmente da iconicidade, que constitui a essência de uma expressão visual. Com um estudo documental, apresentamos exemplos, retirados de *corpus* de vídeos de análise documental de traduções, de sinais-termos padronizados. Tal repertório está publicado no glossário de sinais-termos disponibilizado em canal do YouTube do referido Núcleo de Pesquisa. A partir disso, discute-se as possibilidades de empregar os princípios do mapeamento mental no discurso espontâneo na elaboração de sinais-termos conceituais em processos de tradução de português para a Libras.

PALAVRAS-CHAVE: Cognição. Linguagem. Estudos da Tradução. Língua de Sinais

ABSTRACT

This research is based on the translations carried out within the scope of the Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais e Línguas vocais – InterTrads, research center. It is based on cognitive linguistics and studies of sign languages, mainly on iconicity, which constitutes the essence of a visual expression. With a documentary study, we present examples, taken from our *corpus* of documentary analysis videos of translations, of standardized sign-terms. This repertoire is published in the glossary of sign-terms available on the research center's YouTube channel. In addition, we discuss, based on this, the possibilities of using the principles of mental mapping in spontaneous discourse in the elaboration of conceptual sign-terms in translation processes from Portuguese to Libras.

KEYWORDS: Cognition. Language. Translation studies. Sign Language.

1. Introdução

A Língua Brasileira de Sinais tem conquistado diferentes espaços sociais, começando pela educação, justiça, artes, entre outros; fruto das lutas das comunidades surdas. (Brasil, 2002, 2005, 2015, 2021). Na esfera acadêmica ganhos diferenciados aconteceram, desde a circulação da Libras no meio acadêmico, consequentemente promovendo o seu crescimento terminológico, pela garantia da educação bilíngue tendo a Libras como língua de instrução ou dos processos de educação inclusiva com a presença de tradutores e intérpretes de Libras e português, assim como a tradução dos materiais

¹ Professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução PGET/UFSC. Membro do Núcleo de Pesquisa InterTrads. neiva.albres@ufsc.br, <https://orcid.org/0000-0003-1567-297X>.

didáticos e instrucionais. (Albres, 2020; Witches, 2019; Albres; Jung, 2021). Vieira-Machado *et al.* (2022, p. 759) reafirmam que contemporaneamente as comunidades surdas são vistas pela diferença linguística, distanciando-se do modelo da deficiência.

Apesar de mais de vinte anos de luta para a construção de uma educação bilíngue para surdos, ainda há muito que se fazer, especialmente no campo terminológico. Para Souza, Souza e Lima, Padua (2014, p. 80), o “ônus da escassez do léxico recai sobre o estudante surdo tornando seu acesso e permanência nas esferas acadêmicas superiores extremamente dificultado”. O ensino-aprendizagem perpassa pelo uso da linguagem na educação, que precisa ter o signo para designar os conceitos acadêmicos (Albres *et al.*, 2022). Muitos dos processos de ampliação linguística perpassam por processos de tradução, ocorrendo a estabilização com conservação icônica, geralmente.

Apontamos como lacuna de pesquisa a falta de uma abordagem integrada entre os estudos da tradução, a linguística cognitiva e o desenvolvimento terminológico, que considere como os processos cognitivos influenciam a prática da tradução e o crescimento terminológico. Embora existam estudos que abordem aspectos isolados de cada área, ainda há uma necessidade de explorar como as teorias cognitivas podem contribuir com as estratégias de tradução e vice-versa, considerando os usos da Libras pelas comunidades surdas em âmbito acadêmico. Além disso, a aplicação de modelos cognitivos para entender a tomada de decisão do tradutor ou de educadores em contextos específicos é um campo que merece mais investigação. Essa intersecção pode enriquecer tanto a compreensão da tradução quanto o desenvolvimento de novas metodologias e práticas no campo.

Após esta breve contextualização (seção 1), indicaremos algumas correlações sobre os estudos da cognição, estudos linguísticos de línguas vocais e línguas de sinais, assim como estudos sobre tradução de Libras e português (seção 2). Apresentamos, em seguida, o percurso metodológico (seção 3), passando à descrição de termos em Libras produzidos a partir de grupo de estudos e em processos de tradução levantados do *corpus* do núcleo de pesquisa em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais e Línguas vocais – InterTrads com interpretação e análise (seção 4). Finalizamos o artigo com nossas contribuições e indicação de pesquisas futuras.

2. A cognição e os estudos linguístico: algumas contribuições para os estudos das línguas de sinais

Os estudos sobre a cognição são incorporados por diferentes áreas do conhecimento, como a psicologia, educação, antropologia, linguística, entre outras. O interesse é sobre capacidades cognitivas, sobre a organização conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual.

A Linguística Cognitiva surgiu nos finais da década de 1970 incentivada pelo fenômeno da significação e pela investigação psicolinguística de Eleanor Rosch sobre o papel fundamental dos protótipos no processo de categorização da linguagem (Rosch, 1978). Os estudos sobre linguística e “representações do conhecimento” por meio da linguagem ganham força. Assim, a Linguística

Cognitiva se consolida em 1990 com a criação da “*International Cognitive Linguistics Association*”. Os principais autores são os norte-americanos George Lakoff (Lakoff, 1987; Lakoff; Johnson, 1980; e Lakoff; Turner 1989), Ronald Langacker (1987, 1990), que tomam como fundamento a observação do uso linguístico.

Nesta posição “o pensamento é incorporado, ou seja, as estruturas usadas para montar nossos sistemas conceituais surgem da experiência corporal e fazem sentido em termos dela; além disso, o núcleo de nossos sistemas conceituais está diretamente fundamentado na percepção, no movimento corporal e na experiência de caráter físico e social”.² (Lakoff, 1987, xiv).

Tanto para a psicologia cognitiva (Rosch, 1978) quanto para a linguística cognitiva concebe-se que as categorias de nível básico são muitas vezes o ponto de partida para a classificação de objetos em estruturas factíveis de serem compreendidas em um nível mental mais abstrato, perspectiva segundo a qual a cognição (linguagem) é determinada pela nossa própria experiência corporal. Johnson (1987) usa a expressão “corpo na mente” para se referir sobre a experiência corporal-tátil-visual e sua importância para a conceituação individual e coletiva, considerando que a linguagem é social.

Nesta perspectiva, a linguagem deve ser explicada em relação aos aspectos semânticos e funcionais, alinhada à pragmática, por exemplo. Por fim, ela concebe que a nossa interação com o mundo é mediada por estruturas mentais. Alguns dos conceitos fundamentais e os principais domínios de investigação da Linguística Cognitiva são: categorização e protótipos, metáforas e metonímias conceptuais, esquemas imagéticos, modelos cognitivos e culturais e processos cognitivos da gramática. Para este artigo, vamos explorar o conceito de “esquemas imagéticos e suas transformações”.

Nesse sentido, grande parte do nosso conhecimento não é estático, mas fundamenta-se e é estruturado por padrões dinâmicos, não-proposicionais e imagéticos dos nossos movimentos no espaço, da nossa manipulação dos objetos e de interações perceptivas — os chamados esquemas imagéticos (“*image schemas*”) (Johnson, 1987; Lakoff, 1987, 1990). Entre os esquemas imagéticos mais frequentes, linguisticamente realizados de muitas variadas maneiras, estão os seguintes: contentor (“container”) ou recipiente, origem-percurso e destino, percurso (ou caminho), elo (“*link*”), força, equilíbrio (ou balança), bloqueio, remoção, contraforça, compulsão, parte-todo, centro-periferia, em cima - em baixo, à frente - atrás, dentro-fora, perto-longe, contacto, ordem linear.

Estes esquemas imagéticos são construídos para a compreensão de vários domínios abstratos. As línguas de sinais têm uma propriedade poderosa para a construção lexical que consiste na iconicidade, ou seja, dos sinais tomarem como base para sua criação as características físicas do referente, parte ou todo o referente, ou mesmo a relação cultural que o homem tem com esse referente (Albres *et al.*, 2022, 2023). Klima e Bellugi (1979) desenvolveram as primeiras descrições sobre a propriedade das línguas de sinais. Comparando diferentes línguas de sinais, afirmam que todas elas fazem uso da iconicidade para a produção dos seus sinais. Afirmam existir um laço de universalidade na

² *Thought is embodied, that is, the structures used to put together our conceptual systems grow out of bodily experience and make sense in terms of it; moreover, the core of our conceptual systems is directly grounded in perception, body movement, and experience of a physical and social Character.* (Lakoff, 1987, xiv).

concretude da língua de sinais, embora os sinais para um mesmo referente em distintas línguas de sinais de diferentes países não sejam iguais. Veja o exemplo abaixo, para o sinal de /ÁRVORE/ em três línguas de sinais diferentes há uma motivação visual, mas os sinais não são os mesmos.

Figura 1: Sinal referente à /ÁRVORE/ em diferentes línguas de sinais

Língua Americana de Sinais/ Língua de sinais dinamarquesa/ Língua de sinais chinesa



Fonte: Klima e Bellugi (1979, p. 21)

Vemos no exemplo acima que a Língua Americana de Sinais – ASL toma para si a representação da árvore como um todo, ou seja, sua base, tronco e copa. Por sua vez, a língua de sinais dinamarquesa também representa o tronco e copa, mas fazendo uso de outra produção articulatória. Já a língua de sinais chinesa toma como motivação para construir o sinal de árvore apenas parte do referente, ou seja, o seu tronco.

Figura 2: Sinal referente à /ÁRVORE/ em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS



Fonte: Capovilla; Raphael; Mauricio (2013)

No Brasil, a Língua Brasileira de Sinais assim como Língua Americana de Sinais, para o sinal que se refere à “arvore”, construiu um sinal icônico tendo como motivação o tronco, a copa e a base. Um conceito importante de ser introduzido é o de “arbitrariedade”. Apesar da possibilidade de alguns sinais terem motivação em características do que representam, os sinais não são os objetos que representam. Dessa forma, cada comunidade linguística pode, ao relacionar-se com esse referente,

escolher qualquer parte dele ou qualquer outro signo distante de qualquer associação/ relação com o referente.

Isso significa que a palavra ou o sinal de uma língua não se prende simplesmente pela sua representatividade, mas depende de uma produção social-coletiva para a construção dessa significação na língua, o que se tem denominado de “arbitrariedade”. “Toda arbitrariedade é convencional, pois quando um grupo seleciona um traço como característica do sinal, outro grupo pode selecionar outro traço para identificá-lo” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 32).

A iconicidade apresentada em Taub (2001), trabalhando em uma perspectiva cognitiva, explica que esse é um trabalho conceitual. A iconicidade é resultado de um esforço mental humano e depende das associações conceituais, mentais e culturais. Assim, “a linguagem está profundamente entrelaçada com nossas experiências do mundo: nossa interação social, nossas instituições culturais e até mesmo nossos pensamentos são frequentemente moldados e mediados pela linguagem” (Taub, 2001, p. 10).

Os estudos sobre a Língua brasileira de sinais têm avançado nestes mapeamentos sobre a criação dos sinais. Desde estudos sobre o discurso e a construção espacial de diferentes gêneros (Bernardino, 2020) até estudos com enfoque mais detalhados como o de classes de sinais, estudos sobre os verbos por Murta e Lourenço (2021) e termos técnicos (Albres *et al.*, 2022), por exemplo.

Bernardino (2020) analisou a ação-construída no discurso narrativo, em que se descreve as ações de personagens, percebemos nos dados estudados que a ação-construída se constrói de duas formas.

Na primeira construção, o surdo incorpora o personagem para exemplificar as coisas que gosta de fazer, personificando a si próprio em algumas situações específicas. Suas expressões faciais e corporais se modificam e o olhar é voltado para dentro do cenário (para o espaço mental da narrativa), deixando de interagir com o interlocutor (a câmera, que se encontra no espaço mental real). Em alguns momentos, o sinalizante chega a fechar os olhos, como se voltasse o olhar para si mesmo. Na segunda construção, o sinalizante incorpora um personagem para exemplificar coisas que não gosta de fazer, como ficar se arrumando, se maquiando. (Bernardino, 2020, p. 17-18)

A ação-construída corporificada evidencia esquemas imagéticos maiores, compondo toda uma narrativa, como indica Johnson (1987) o “corpo na mente”. Nunes (2019), ao estudar verbos em sete diferentes línguas de sinais, a partir de análise documental, compreende que os sinais em línguas de sinais apresentam relações icônicas motivadas por processos linguístico-cognitivos. Constatou que os sinais analisados estavam relacionados à corporificação e aos esquemas imagéticos.

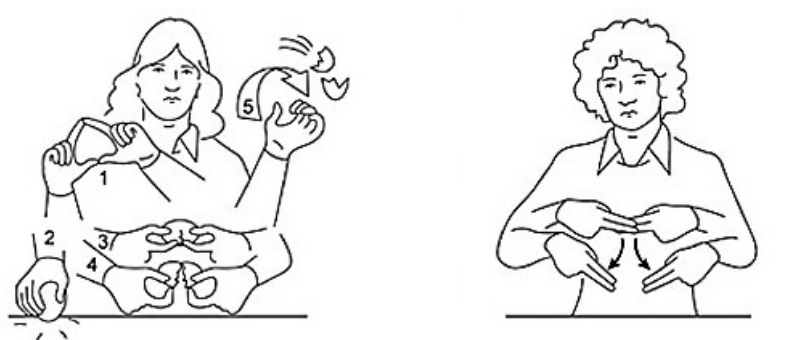
Em estudos sobre os verbos na Libras “é possível identificar mapeamentos icônicos independentes em cada “camada” de informação visual da estrutura interna dos verbos em Libras. Em específico, analisamos os verbos ancorados ao corpo e que possuem como localização a cabeça, o tronco ou o braço” (Murta; Lourenço, 2021, p. 28). Ainda indicam ser possível estabelecer o grau de iconicidade com base nos mapeamentos icônicos presentes em sua estrutura interna, propõem a construção de uma escala de iconicidade que leva em consideração a estrutura morfofonológica do item lexical.

Todos os estudos baseados na linguística cognitiva reafirmam o eixo central da “experiência corporal” na organização das línguas de sinais e modos de expressão nestas línguas. A possibilidade de o sinal da língua de sinais ter sido, em sua origem, motivado por alguma característica física ou relacional do objeto não significa que o sinal e o objeto que ele nomeia formam uma estrutura única.

Quando se considera a iconicidade dos sinais de uma língua de sinais, o grande paradoxo apontado na bibliografia [...] é o de que, embora cerca de 90% dos sinais não possam ter seu significado adivinhado, ainda assim, quando esse significado é revelado aos observadores, o mesmo sinal, que havia se revelado tão opaco e arbitrário a ponto de ser totalmente inadivinhável, passa a ser, então, considerado como bastante admissível. (Capovilla; Martins, 2020, p. 280).

Há uma gradação da iconicidade ou até mesmo sua ausência, em alguns casos. Klima e Bellugi (1979) revelam ainda a distinção entre pantomima e os sinais das línguas de modalidade gestual-visual. Definem que as pantomimas são significativamente mais longas e consideravelmente mais variáveis do que os sinais da ASL para a mesma palavra (referente). Na imagem seguinte apresentam a palavra OVO, sendo representada primeiramente por uma pantomima e em seguida pelo sinal padronizado da ASL. Contudo, alguma parte desta extensa pantomima foi “recortada” para inspirar a convenção do sinal, ou seja, a ação de quebrar o ovo.

Figura 3: Pantomina de ovo seguido do sinal convencionado para /OVO/ em ASL



Fonte: Klima e Bellugi (1979, p. 17)

Além dos estudos linguísticos, houve também a virada cognitiva nos estudos da tradução, que representa uma mudança significativa na forma como os pesquisadores abordam o processo tradutório. Em vez de focar apenas nos produtos da tradução, como textos traduzidos finalizados, essa nova perspectiva se concentra no que acontece na mente do tradutor durante o ato de traduzir. Essa abordagem busca entender os processos mentais, as estratégias cognitivas e as decisões que os tradutores tomam ao lidar com diferentes idiomas e contextos.

Em resumo, a virada cognitiva nos estudos da tradução, impulsionada pela linguística cognitiva, oferece uma visão mais holística e dinâmica do tradutor como um agente ativo, capaz de navegar

por complexidades linguísticas e culturais, enriquecendo assim o campo da tradução com novas perspectivas e metodologias. O estudo da cognição do tradutor e de suas decisões passam a ser valorizadas no campo dos Estudos da tradução. Chesterman (2022) concorda que

A única forma de analisar a tradução de maneira adequada seria considerar o processo interno de tomada de decisões do/a tradutor/a – não de forma isolada, e sim combinado com outros modelos de análise. Em outras palavras, é preciso conhecer os motivos pelos quais o/a tradutor/a tomou determinadas decisões para que seja possível analisar devidamente os resultados de tais decisões. O ideal seria reconstruir o processo de tradução como um todo. (Chesterman, 2022, p. 194)

No método introspectivo, o pesquisador reflete seus próprios pensamentos para buscar pela correspondência da tradução relacionada ao texto de partida perguntando-se em que parte o pesquisador tem dificuldades e qual a melhor tradução para uma palavra ou frase de acordo com o contexto, por vezes, tendo que criar modos específicos de enunciar uma ideia.

Machado e Reis (2022), com o aporte da linguística cognitiva, refletem sobre a atividade semântica cognitiva do Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais (TILS)

Diante de determinado léxico ou discurso, imediatamente a função cognitiva é ativada de modo a buscar elementos armazenados na memória, nas buscas confluentes e compatíveis das partes até o significado e, posteriormente, à construção do sentido. Nesse processo, emerge a categorização, que funciona como uma estrutura organizacional de sentidos em cada indivíduo que funciona para compreender o mundo e todo o seu sistema, sendo, antes de tudo, necessário categorizá-lo. A categorização linguística ocorre por protótipos relacionados às referências linguísticas e culturais, ou a representações, sejam elas abstratas ou materiais que cada ser humano possui (Machado; Reis, 2022, p. 25).

Em estudo sobre as experiências de tradutores atuando no contexto educacional e das estratégias linguísticas e cognitivas relatadas, indica-se que o tradutor e intérprete de Libras e língua portuguesa “TILSP precisa ser polivalente em suas escolhas interpretativas, e também, desenvolver habilidades no processo comunicativo para a tarefa da tradução e/ou interpretação, sendo ela adquirida de forma empírica” (Machado; Wanzeler; Pinheiro, 2021, p. 116). Estudos sobre a tradução comentada, a partir dos diários de tradução, podem fornecer uma análise dos mapeamentos realizados pelo tradutor (Albres, 2023). A experiência na cultura e língua de sinais promove um crescimento no repertório e conhecimento do funcionamento da língua de sinais, contribuindo para as soluções de problemas que podem surgir durante a interpretação simultânea.

3. Metodologia de pesquisa

A abordagem metodológica da pesquisa é de cunho documental e fundamenta-se em princípios da pesquisa qualitativa. Analisamos a elaboração/criação de sinais-termo para conceitos teóricos quando da presença de surdos pesquisadores que trabalham com uma teoria dos estudos da linguagem.

O *corpus* estudado foi produzido pelo Núcleo de pesquisa em “Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais e Línguas vocais – InterTrads”, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC e ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução - PGET, o que confere um caráter público e de investimento governamental para o fomento à pesquisa. Contextualizando, a materialização em sinal-termo provém de interações vividas em grupo de pesquisa para a definição dos termos incorporados no glossário e disponibilizados entre os anos de 2019 e 2025. As traduções publicadas no site são cobertas por seção de direitos de imagem dos tradutores. Nesse sentido, não requer a solicitação do consentimento livre informado.

Estalella e Ardèvol (2007) explicam que, para pesquisas com materiais provindos de espaços virtuais, faz-se importante a conferência de propriedades específicas (público ou privado) e canais do YouTube são considerados publicações de acesso aberto, mas conferem autoria.

Para atingir o objetivo da pesquisa, delineia-se como metodologia: i) levantamento dos sinais-terminos registrados no glossário do Núcleo de pesquisa InterTrads ii) levantamento dos sinais-terminos registrados nas traduções publicadas pelo Núcleo de pesquisa InterTrads, associado à experiência no grupo de pesquisa pela participação na construção das discussões sobre os conceitos bakhtinianos. Para este artigo, selecionamos o conceito teórico “cronotopo” para análise do mapeamento cognitivo.

4. Análise da tradução e composição do signo teórico-conceitual

A linguística cognitiva contribui para uma virada nos Estudos da Tradução, oferecendo ferramentas e conceitos que ajudam a explicar como os pesquisadores-tradutores processam informações, constroem significados e resolvem problemas (Machado, 2017). Por exemplo, a noção de esquemas mentais, metáforas e a forma como a linguagem é percebida e utilizada no cérebro são aspectos que enriquecem a compreensão do ato de traduzir. Além disso, a linguística cognitiva permite uma análise mais profunda das relações entre linguagem, pensamento e cultura, o que é essencial para entender as nuances da tradução.

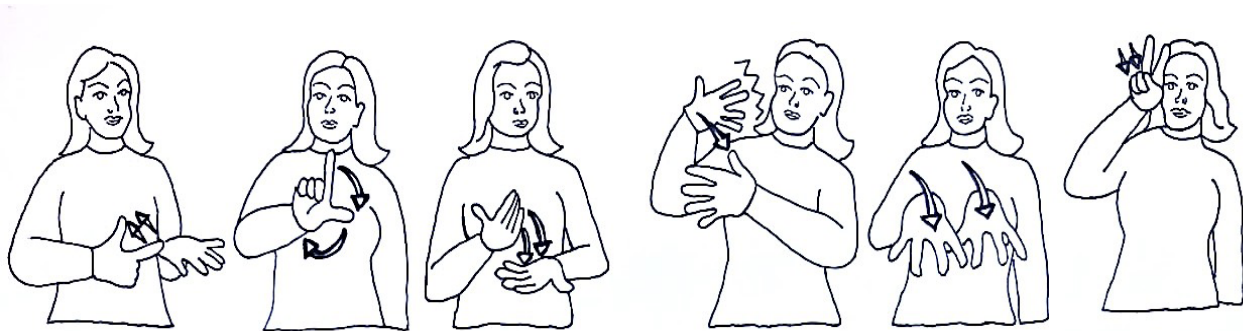
Conforme Bezerra (2015), experiente tradutor do russo para o português, para reconstruir um conceito em português que não tinha uma palavra correspondente, ele precisou trabalhar com as correlações cognitivas e culturais, explorando as possibilidades de produção em língua portuguesa e aproximando-se dos modos de usar a língua em português.

Em trabalho de tradução com equipe de estudiosos dos Estudos da linguagem em perspectiva dialógica, composta por surdos e ouvintes, mestres e doutores, pode-se discutir conceitualmente “cronotopo”, de forma bem sucinta apresentamos como a noção de tempo e espaço estudada em uma obra literária, o tempo e o espaço são inseparáveis (Amorim, 2010).

Como uma longa expressão de explicação do termo “cronotopo”, pode-se apresentar em Libras, conforme figura 4, que no livro de literatura se estuda como o tempo é percorrido pelos personagens, como os espaços da narrativa são construídos e as cenas descritas na história”, com a expressão “LIVRO LITERATURA ESTUDAR TEMPO-PASSAR ESPAÇOS/CENAS HISTÓRIA”.

Figura 4: Explicação para o conceito de “cronotopo” em Libras

(1) LIVRO (2) LITERATURA (3) ESTUDAR (4) TEMPO-PASSAR (5) ESPAÇOS/CENAS (6) HISTÓRIA



Fonte: Produzido pela autora.

De toda esta explicação, os usuários da língua em situação concreta de interação, convencionam como reduzir a expressão para se referir ao conceito de “cronotopo”. Passemos à análise da corporificação imagética e alguns elementos desta explicação. Em Libras, parte-se da explicação do “percurso vivido no desenrolar das cenas”, a melhor forma de explicar esse conceito seria pelos dedos oscilando, com a produção inicial do sinal no ombro, projetando-o para a frente do corpo, o que corresponde a um esquema imagético corporal “de trás para frente” como conceituamos a história (figura 4.4). Por sua vez, o livro impresso (literário) é corporificado com a palma da mão, pelo formato fino e retangular, a palma aberta e sua base voltada para cima representa a folha do papel (figura 4.1).

O espaço, no sentido das cenas e espaços históricos que são apresentados e retomados na história narrada é apresentado em Libras pelos espaços delimitados a frente do corpo do sinalizador, um do lado esquerdo, seguido no centro e o terceiro do lado direito (figura 4.5). Esta forma de expressão também é cultural, pois convencionamos que da esquerda para a direita temos uma linha história a frente do corpo do sinalizador.

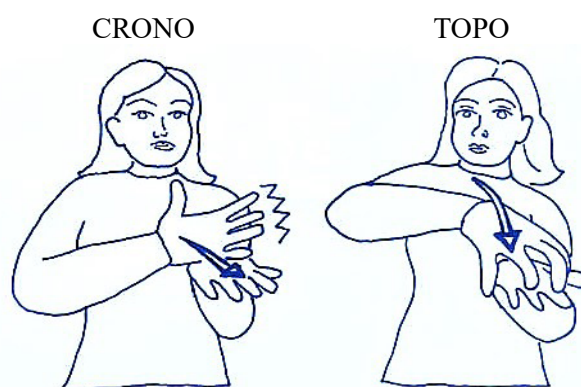
A partir da seleção dos elementos da explicação, como LIVRO, TEMPO e ESPAÇO o signo para “Cronotopo” é criado pelos pesquisadores-tradutores deste núcleo de pesquisa. Esse fenômeno linguístico-cognitivo passa por ajustes articulatórios conforme o uso nas interações dos seus membros. Assim, o sinal pode ir sofrendo pequenas alterações, geralmente, para a sua redução articulatória e simplificação, ou seja, para o conforto corporal quando de sua produção.

Figura 5: Explicação para o conceito de “cronotopo” em Libras

(1) LIVRO (2) LITERATURA (3) ESTUDAR (4) TEMPO-PASSAR (5) ESPAÇOS/CENAS (6) HISTÓRIA

**Fonte:** Produzido pela autora.

Constatamos que de toda uma explicação em Libras, alguns elementos da produção dos sinais são selecionados para a composição do novo signo que se refere ao termo teórico conceitual “cronotopo”. Como destacado em círculo vermelho, a base da mão do livro, o movimento do tempo e o espaço/cenas, compondo um único sinal (figura 6).

Figura 6: Sinal em Libras convencionado pelo grupo de pesquisa para o conceito “cronotopo”**Fonte:** Produzido pela autora

Dessa forma, independente da motivação para a produção articulatória do sinal, a relação articulatória e semântica não são uma unidade imediata para os falantes da língua de sinais, não diferenciada no discurso nem conscientizada. Muitos sinais icônicos perderam sua historicidade de motivação articulatória e, dependendo da idade e experiências de cada sujeito, esse significado pode vir a ser mutável, pode ter diferentes complexidades.

Moreira (2020, p. 16) afirma que a criação de sinais-termo é uma resposta à necessidade no meio acadêmico, e que “o processo deve ocorrer de forma cada vez mais desvinculada dos empréstimos linguísticos e utilizando os aspectos próprios de uma língua visual”.

Para fins de estudo acadêmico, e pela recente e crescente produção lexical em Libras, concebemos que preservar a história do sinal pode contribuir para a compreensão do sentido do

signo técnico, como também para a associação do signo com o termo em português “cronotopo”. Dito de outra forma, se o acadêmico surdo e ouvinte, conhecerem a motivação de toda a explicação em Libras para o conceito de “cronotopo” podem melhor incorporar este conceito e mais facilmente associar o sinal ao termo, contribuindo para a associação da produção articulatória com o referente para apreender o conceito. Para Emmorey *et al.* (2004) “configurações de mão que funcionam como morfemas e construções de classificador são predicados complexos que podem expressar algum ou todos os seguintes: movimento, posição, descritivo-estático, ou informação de manuseio” (Emmorey *et al.*, 2004, p. 12).

Além dos acadêmicos que precisam da linguagem para atingir níveis abstratos do conhecimento, os tradutores e intérpretes que atuam em ambiente acadêmico ou na esfera de conferência que trabalham com eventos tradutórios ou interpretativas que abordam as temáticas de especialidade, como por exemplo, o signo “cronotopo” na literatura e filosófica da linguagem, podem recorrer a esse mapeamento corpóreo imagético para apropriação da terminologia especializada.

A construção da língua recorrendo a estes aspectos visuais e imagéticos é de natureza cognitiva, os sinais são construídos socialmente por usuários desta língua. Considera-se ainda que uma construção imagética pode se deslocar do seu objeto motivacional de origem mais concreto e ascender a outra significação, sendo uma abstração pertinente à língua e aos sujeitos que a compartilham.

Concordando com nossas interpretações, Wilcox (2000) com base na linguística cognitiva desenvolveu um mapeamento das metáforas em ASL, dando continuidade às pesquisas Wilcox (2004), analisando o discurso em ASL e constataram que alguns verbos podem representar outros significados, nada ou pouco convencionais. As motivações, associações e correlações são mapeadas pelos interlocutores e podem com o tempo se consolidarem na língua.

Sobre a contribuição deste estudo, podemos indicar que ao entender os processos cognitivos envolvidos na compreensão e produção da linguagem, os tradutores podem desenvolver estratégias de tradução mais conscientes e eficazes, otimizando a tomada de decisões e a resolução de problemas. A Linguística Cognitiva encoraja uma visão da tradução como um processo criativo de reconceptualização e reestruturação do significado em outra língua, em vez de uma simples decodificação e recodificação. Isso capacita os tradutores a encontrarem soluções inovadoras para desafios de tradução.

Considerações finais

Com a apresentação de pressupostos da Linguística Cognitiva aplicados em línguas de sinais e alguns estudos da Libras por meio da descrição das estratégias cognitivas que constituem a produção de sinais, indicamos um caminho interessante para o conhecimento sobre a construção de esquema imagético para a criação de termos especializados, contextualizado com o movimento de crescimento linguístico da Libras.

Como indicado nesta pesquisa, a Linguística Cognitiva oferece diversas contribuições para a descrição das línguas de sinais e línguas vocais-auditivas, assim como para o ensino de tradutores,

enriquecendo a sua compreensão do processo tradutório e aprimorando as habilidades destes profissionais.

A Linguística Cognitiva enfatiza que o significado não reside apenas no signo linguístico, mas na forma como conceptualizamos o mundo e organizamos o nosso conhecimento em estruturas cognitivas como esquemas, frames e modelos mentais. Ao compreender como essas estruturas influenciam a produção e interpretação da linguagem, os tradutores podem ir além da equivalência superficial e captar as nuances conceptuais do texto/discurso a ser traduzido.

Ao reconhecer, descrever e analisar a conceptualização do signo “cronotopo” nesta pesquisa, construímos uma reflexão que contribui para a formação dos tradutores ao promover a consciência e maior sensibilidade para as diferenças culturais na expressão linguística, evitando transferências inadequadas e garantindo a adequação cultural da tradução.

Agradecimentos

Agradecemos aos membros do Núcleo Pesquisas em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais e Línguas vocais – InterTradS, em especial aos membros surdos Elaine Aparecida de Oliveira da Silva e Carlos Leonel Terrazas pela contribuição na discussão e ampliação da Libras para se referir aos conceitos da perspectiva dialógica.

Referências

ALBRES, Neiva Aquino. Políticas públicas de acesso à arte e cultura em Libras: políticas linguísticas e políticas de tradução. *Travessias Interativas*, [S. l.], v. 10, n. 22, pp. 366-385, 2020. DOI: <https://doi.org/10.51951/ti.v10i22>. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/Travessias/article/view/15344>. Acesso em: 21 maio 2024.

ALBRES, Neiva Aquino; JUNG, Ana Paula Jung. Surdos e a educação bilíngue em tempos de pandemia: o enunciATO de professores em análise. *Fórum linguístico*. v. 18 n. 4. 2021. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2021.e81034> Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.../forum/article/view/81034>. Acesso em: 23 mar. 2024.

ALBRES, N. A.; SILVA, E. A. da; SANTIAGO, V. A. A.; TERRAZAS, C. M. L. A Tradução De Termos Técnico-Científicos Do Campo Dos Estudos Da Tradução Para A Libras Em Processo De Ensino-Aprendizagem. *PERcursos Linguísticos*, [S. l.], v. 12, n. 32, pp. 104-126, 2022. DOI: <https://doi.org/10.47456/pl.v12i31.39041>. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/39041>. Acesso em: 21 maio 2024.

ALBRES, N. A.; SILVA, E. A. da; SANTIAGO, V. A. A.; TERRAZAS, C. M. L.; SANTIAGO, V. A. A. Traduzir criando: construir sentidos elaborando sinais-termos. *Tradterm*, São Paulo, Brasil, v. 45, pp. 288-310, 2023. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.v45p288-310>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/213363>. Acesso em: 21 maio 2024.

ALBRES, N. A. Traduzindo “As Meninas” de Cecília Meireles para Libras: uma tradução comentada. *Pontos de Interrogação – Revista de Crítica Cultural*, Alagoinhas-BA: Laboratório de Edição Fábrica de Letras - UNEB, v. 13, n. 1, pp. 97-118, 2023. DOI: <https://doi.org/10.30620/pdi.v13n1.p97>. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/.../article/view/v13n1p97/v13n1p97>. Acesso em: 19 mar. 2024.

AMORIM, M. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth (org.) *Bakhtin: outros conceitos chave*. São Paulo: Contexto, 2010.

BERNARDINO, E. L. A. *et al.* A ação construída na Libras conforme a linguística cognitiva. *Signótica*, v. 32, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5216/Sig.v32.62990>. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/49245?mode=full>

BEZERRA, P. Prefácio. In: *Teoria do romance I. A estilística*. Tradução, prefácio, notas e glossário: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

BRASIL. *Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 12 mar. 2023.

BRASIL. *Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF: Presidência da República, 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 12 mar. 2023.

BRASIL. *Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015*. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 20 jun. 2023.

BRASIL. *Lei Nº 14.191, de 3 de agosto de 2021*. Altera a Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Brasília, 2021.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A. C. L. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira – Novo Deit Libras*. 1. ed. São Paulo: Edusp, 2013.

CAPOVILLA, F. C.; MARTINS, Antonielle Cantarelli. Resolvendo o paradoxo da iconicidade: o caso dos sinais de Libras. *Revista de psicopedagogia*, São Paulo, v. 37, n. 114, pp. 269-285, dez. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862020000300002&lng=pt&nrm=iso. acessos em: 11 abr. 2025. DOI: <https://doi.org/10.51207/2179-4057.20200023>

CHESTERMAN, A. *Memes da tradução: o disseminar de ideias na teoria da tradução*. Salvador, EDUFBA, 2022.

EMMOREY, K. *et al.* *Motor-iconicity of sign language does not alter the neural systems underlying tool and action naming*. California: Brain and Language n. 89, 2004. Disponível em: <http://emmoreylab.sdsu.edu/pdf-brain/selected/pdf3.pdf>. Acesso em: 12 maio 2001.

ESTALELLA, A.; ARDEVOL, E. Field Ethics: Towards Situated Ethics for Ethnographic Research on the Internet. *Forum Qualitative Sozial forschung / Forum: Qualitative Social Research*, [S.l.], v. 8, n. 3, sep. 2007. DOI: <https://doi.org/10.17169/fqs-8.3.277>. Disponível em: <http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/277>. Acesso em: 2 jul. 2020.

JOHNSON, M. *The Body on the Mind*. The Bodily basis of meaning, imagination, and reason. Chicago, The Univrsity of Chicago Press, 1987.

- KLIMA, E.; U. BELLUGI. *The signs of language*. Cambridge: Harvard University Press. 1979.
- LAKOFF, G. *Women, fire, and Dangerous Things*. What Categories Reveal about the Mind, Chicago. The University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, G. The invariance hypothesis: is abstract reason based on image-schemas?. *Cognitive Linguistics*, v. 1, n. 1, pp. 39-74. 1990.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*, Chicago, The University of Chicago Press, 1980.
- LAKOFF, G.; TURNER, M. *More than Cool Reason: A Field Guide to Poetic Metaphor*, Chicago, The University of Chicago Press, 1989.
- LANGACKER, R. W. Foundations of Cognitive Grammar, Vol. I, *Theoretical Prerequisites*, Stanford, California, Stanford University Press. 1987.
- LANGACKER, R. W. Concept, Image, and Symbol. The Cognitive Basis of Grammar, «*Cognitive Linguistics Research*, 1», Berlin - New York, Mouton de Gruyter. Foundations of Cognitive Grammar, Vol. II, Descriptive Application, Stanford, California, Stanford University Press. 1990.
- MACHADO, I. T. N. A tradução através do olhar da Linguística Cognitiva. *IF-Sophia: revista eletrônica de investigações Filosófica, Científica e Tecnológica*, [S. l.], v. 3, n. 10, pp. 117-133, 2017. Disponível em: <https://revistas.ifpr.edu.br/index.php/ifsophia/article/view/532>. Acesso em: 26 abr. 2025.
- MACHADO, F. M. Á.; WANZELER, Leandro Alves; PINHEIRO, Rutileia Gusmão. Os desafios linguístico-cognitivos na tarefa da interpretação vocalizada da Libras para língua portuguesa no contexto educacional. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, Vitória, v. 15, n. 30, pp. 99-119, 2021.
- MACHADO, F. M. Á.; REIS, Elizabeth M. dos. Modelos Cognitivos Idealizados: uma Reflexão Sobre A Atividade Semântica Cognitiva No Contexto Jurídico. *PERcursos Linguísticos*, [S. l.], v. 12, n. 32, pp. 12-31, 2022. DOI: <https://doi.org/10.47456/pl.v12i31.39741>. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/39741>. Acesso em: 13 abr. 2025.
- MOREIRA, F. S. R. O uso de sinais-termo como ferramenta conceitual na descrição das estruturas sintáticas para o ensino de bilinguismo para surdos. *The Specialist*, v. 41, n. 1, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/42512>. Acesso em: 26 ago. 2025.
- MURTA, M.A.; LOURENÇO, G. Mapeamentos icônicos na estrutura interna dos verbos na Língua Brasileira de Sinais. *Cadernos de Linguística*, [S. l.], v. 4, p. e450, 2021. DOI: <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2021.v2.n4.id450>. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/450>. Acesso em: 10 abr. 2025.
- NUNES, V. F. Contribuições da Linguística Cognitiva para o estudo de línguas de sinais. *Signo*, v. 44, n. 81, pp. 77-86, 3 set. 2019. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/13717>.
- QUADROS, R. M; KARNOPP, L. B. Língua de Sinais Brasileira: Estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed. 2004. VIOTTI, E; MCCLEARY, L. M. Conceptual integration and narrative voices in brazilian sign language. In: *Congresso Internacional de Aspectos Teóricos das Pesquisas nas Línguas de Sinais*. Florianópolis: Lagoa Ed., 2006.

Estudos sobre a cognição e a tradução de Línguas de Sinais: criação social e ampliação terminológica

ROSCH, E. Principles of categorization. In: ROSCH, E; LLOYD, B. (ed.). *Cognition and Categorization*. Hillsdale: Erlbaum, 1978. pp 27-48.

SOUZA, C. L. ; LIMA, V. L. S. E. ; PÁDUA, F. L. C. Abordagem Interdisciplinar para a Criação e Preservação de Novos Sinais para Dicionários Terminológicos em Libras. *Acta Semiótica et Linguística*, v. 19, pp. 76-90, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/actas/article/view/23434>. Acesso em: 23 mar. 2024.

TAUB, S. F. Language from the Body: iconicity and metaphor. In: *American Sign Language*. Cambridge: Cambridge University Press. 2001.

VIEIRA-MACHADO, L. M. da C.; RODRIGUES, J. R.; CARVALHO, D. J. Reflexões sobre educação de surdos em nossa contemporaneidade: a Libras como língua da escola. *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, v. 24, n. 4, pp. 742-760, out., 2022. DOI: <https://doi.org/10.20396/etd.v24i4.8669320>. Acesso em: 07 jan. 2025.

WILCOX, P. P. *Metaphor in American Sign Language*. Program at the University of New Mexico: Albuquerque, NM, 2000.

WILCOX, S. *Cognitive iconicity: conceptual spaces, meaning, and gesture in signed languages*. Germany: Walter de Gruyter, 2004.

WILCOX, P. P. A cognitive Key: Metonymic and metaphorical mappings in ASL. *Cognitive Linguistics*, 2004. Disponível em: http://www.unm.edu/~pwilcox/PWilcox_Key.pdf. Acesso em: 05 maio 2010.

WITCHES, P. H. Tradução e interpretação de língua de sinais como política linguística para surdos. *PERcursos Linguísticos*, Vitória, v. 9, n. 21, pp. 133-144, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/23742>. Acesso em: 12 mar. 2023.